

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE ARTES

LICENCIATURA EM TEATRO



MARINA FONTANA FRAPPA

TRÊS MARIAS: UM ESTUDO CÊNICO SOBRE A CONSTRUÇÃO DO PAPEL
SOCIAL FEMININO

UBERLÂNDIA

2024

MARINA FONTANA FRAPPA

**TRÊS MARIAS: UM ESTUDO CÊNICO SOBRE A CONSTRUÇÃO DO PAPEL
SOCIAL FEMININO**

Monografia apresentada ao curso de
Graduação em Teatro da Universidade Federal
de Uberlândia como requisito para finalização
do curso e obtenção do diploma de
Licenciatura.

Orientador: Profº Me. Carlos
Eduardo Santos de Oliveira

UBERLÂNDIA
2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

F838
2024

Frappa, Marina Fontana, 1997-
Três Marias [recurso eletrônico] : Um estudo cenico
sobre a construção do papel social feminino / Marina
Fontana Frappa. - 2024.

Orientador: Carlos Eduardo Santos de Oliveira.
Coorientador: Carlos Eduardo Santos de Oliveira.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em Teatro.
Modo de acesso: Internet.
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Teatro. I. Oliveira, Carlos Eduardo Santos de, 1993-
, (Orient.). II. Oliveira, Carlos Eduardo Santos de,
1993-, (Coorient.). III. Universidade Federal de
Uberlândia. Graduação em Teatro. IV. Título.

CDU: 792

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



ATA DE DEFESA - GRADUAÇÃO

Curso de Graduação em:	Teatro - Licenciatura				
Defesa de:	Trabalho de conclusão de curso				
Data:	10/09/2024	Hora de início:	09:16	Hora de encerramento:	11:00
Matrícula do Discente:	11911TET203				
Nome do Discente:	Marina Fontana Frappa				
Título do Trabalho:	Três Marias - Um estudo cênico sobre a construção do papel social feminino				
A carga horária curricular foi cumprida integralmente?	() Sim () Não				

Reuniu-se no Anfiteatro/Sala 106 Bloco 3D, Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Curso de Graduação em **Teatro**, assim composta:

Prof. Me. Carlos Eduardo Santos de Oliveira (Orientador)

Prof. Dr. Fernando Manoel Aleixo

Prof^a. Dra. Mara Lucia Leal

Prof^a Me. Ana Carolina Coutinho

Iniciando os trabalhos, o(a) presidente da mesa, Carlos Eduardo Santos de Oliveira, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu a discente a palavra, para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do curso.

A seguir o(a) senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

(X) Aprovada sem nota.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Manoel Aleixo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 10/09/2024, às 11:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mara Lucia Leal, Professor(a) do Magistério Superior**, em 10/09/2024, às 11:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Eduardo Santos de Oliveira, Professor(a) Substituto(a) do Magistério Superior**, em 10/09/2024, às 11:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Carolina Coutinho Moreira, Usuário Externo**, em 04/10/2024, às 19:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5686766** e o código CRC **B8B3C5EC**.

RESUMO

Esta monografia é resultado de uma pesquisa que explora a construção de um monólogo autoral que aborda a construção do papel social feminino a partir da visão de três fases de vida de uma mesma mulher, que conta sua história depois de ser assassinada. Para isso, o texto passa pelas necessidades de fala do artista e o sentido da arte na nossa sociedade, pelas experiências pessoais da pesquisadora enquanto mulher, utilizando-se de um memorial biográfico que relata momentos importantes que foram cruciais para a criação desta pesquisa, e pelo processo metodológico de escrita, construção e transformação de um enredo dramático que mescla experiências reais com a ficção, e como as etapas de construção do texto e as experiências cênicas alteram o mesmo. Além de abordar sobre as escolhas dramáticas e as questões que moldam o comportamento e as decisões femininas em nossa sociedade. Com o objetivo de causar reflexão sobre o papel da mulher na sociedade atual, tanto o texto dramático resultante desta pesquisa, quanto ela própria são reflexos de uma vivência opressiva em uma sociedade patriarcal, e espero com ela desconstruir para o espectador as convenções que trazemos sobre o ser mulher.

Palavras-chave: Feminismo. Papel social. Dramaturgia. Monólogo autoral. Femicídio. Patriarcado.

ABSTRACT

This monograph is the result of research that explores the construction of an authorial monologue that addresses the construction of the female social role from the perspective of three phases of life from the same woman, who tells her story after being murdered. To this end, the text goes through the artist's speech needs and the meaning of art in our society, through the researcher's personal experiences as a woman, using a biographical memorial that reports important moments that were crucial for the creation of this research, and through the methodological process of writing, constructing and transforming a dramatic plot that mixes real experiences with fiction, and how the stages of text construction and scenic experiences alter it. In addition to addressing dramatic choices and the issues that shape female behavior and decisions in our society. With the aim of causing reflection on the role of

women in today's society, both the dramaturgical text resulting from this research and the woman herself are reflections of an oppressive experience in a patriarchal society, and I hope with it to deconstruct for the viewer the conventions we bring about or being a woman.

Keywords: Feminism. Social role. Dramaturgy. Authorial monologue. Femicide. Patriarchy.

Sumário

1. Apresentação	9
1.1 A necessidade de fala do artista e a artista que vos fala	9
1.1.2 - Um breve memorial biográfico	10
2. Dramaturgia: estruturando um monólogo autoral	13
2.1 Três Marias	15
3. Escolhas dramatúrgicas e conexões	26
Maria Joana Fase I	26
Maria Joana Fase II	27
Maria Joana Fase III ou Maria Júlia	27
4. Conclusão	28
5. Referências	29
6. Apêndice	30

1. Apresentação

Esta pesquisa é resultado de um processo de investigação, criação e escrita de uma dramaturgia, um monólogo autoral.

O monólogo é um discurso que a personagem faz para si mesma. [...] O monólogo se distingue do *diálogo* pela ausência de intercâmbio verbal e pela grande extensão de uma fala destacável do contexto conflitual e dialógico. (PAVIS, 1947, p. 247)

A personagem que será adiante apresentada, aborda em seus discursos as questões acerca da posição da mulher na nossa sociedade, enquanto aborda questões de gênero, estrutura social patriarcal, violências femininas e promove uma reflexão sobre a maneira que as mulheres são criadas, e, como as mesmas são socialmente influenciadas a tomar decisões que impactam significativamente em suas vidas, mas que nem sempre condizem com sua vontade.

A escolha do tema e do formato da dramaturgia corroboram entre si para causar o efeito reflexivo desejado.

O monólogo, antes de ser o *discurso de uma pessoa*, tem a potência de se constituir, por exemplo, como uma *mise en scène* em que vários discursos se desenrolam, através de muitas personagens, vividas por apenas um ator ou atriz, que assim o faz sem que os espectadores deixem de se envolver reflexiva, imaginativa e emocionalmente com a narrativa, entrando no jogo cênico a partir de novos pactos entre a realidade da platéia e a realidade da cena. (BRASILEIRO, 2010, p.106)

Assim, antes de entrar propriamente no processo de pesquisa que resultou neste trabalho, acho importante dedicar um capítulo a escolha do tema e a um contexto memorial pessoal, que influenciou muitas decisões acerca das temáticas aqui abordadas.

1.1 A necessidade de fala do artista e a artista que vos fala

A arte tem acompanhado os seres humanos desde os primeiros registros de civilizações, e tem nos ajudado a entender a história de nossa espécie ao longo de milhares de anos. Mas as diferentes veias artísticas como dança, música, artes plásticas e o teatro não são apenas registros históricos. De acordo com Biesdorf e Wandscheer (2011) “a arte também é produzida, acima de tudo, por uma necessidade de expressão”.

Quando voltamos ao início do teatro, nos deparamos com inúmeros teatrólogos como Sócrates, Ésquilo, Eurípides e Aristófanes que eram também filósofos, matemáticos, políticos, críticos da sociedade e formadores de opiniões.

Portanto, entendendo arte como produto do embate homem/mundo, consideramos que ela é vida. Por meio dela o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que se descobre, inventa, figura e conhece. (BUORO, 2000, p. 25)

“Em cada momento específico e em cada cultura, o homem tenta satisfazer suas necessidades socioculturais também por meio de sua vontade/necessidade de arte”. (Buoro, 2000, p.23). Assim, entendendo a arte como resultado do encontro entre o ser social e o mundo e também como objeto de reflexão e transformação do mesmo, enquanto artista e arte educadora, sinto a necessidade de expor na arte, minhas próprias inquietações e reflexões em relação a sociedade, resultantes de um embate pessoal com o mundo. Mas que de alguma forma vi refletidas em meus semelhantes, e por isso decidi aborda-las aqui.

Entro agora em uma breve biografia que vai auxiliar para compreensão da escolha do tema “a construção do papel social feminino na sociedade”, e de algumas decisões de discurso que serão posteriormente abordadas.

1.1.2 - Um breve memorial biográfico

Cresci em uma família de classe média e não passei por grandes dificuldades na minha infância. Estudei em escolas particulares e sempre fui considerada extrovertida e cheia de opinião. Entretanto, tive grande dificuldade em enturmar nos grupos de amizades das escolas, os assuntos que eu conversava, os temas que me interessavam e as opiniões que estavam se formando em mim não condiziam com os pensamentos dos meus colegas de turma. Assim, apesar de sempre estar conversando com alguém, tive um número escasso de amigos e fui reclusa em todos os lugares que passei até começar a fazer teatro com 11 anos.

Recordo que muitos dos assuntos dos meus colegas de turmas eram sobre relacionamento. Desde os primeiros anos onde ainda brincávamos em parquinhos e aprendíamos o alfabeto, já se tinham os primeiros bilhetinhos trocados com a pergunta “Quer namorar comigo?” E as *checkboxs* de opção “Sim” ou “Não”.

Desde esta época, comecei a me questionar por que o relacionamento romântico era tão importante e supervalorizado por todos. Como se, desde pequenos, fôssemos influenciados a buscar um par romântico. Claro que naquela época isso não era tão claro pra mim, mas com o tempo, percebi que realmente somos.

Fui sendo excluída dos círculos sociais de meninas porque não me interessava em ser submissa às imposições do patriarcado que eram refletidas nos relacionamentos. E enquanto elas queriam brincar de casinha, mamãe e filhinha, chá da tarde, compras ou casamentos de mentira, eu queria que as minhas bonecas salvassem o mundo de ataques alienígenas ou experiências científicas.

Mas conforme os anos se passaram senti necessidade de me incluir em círculos de amizade, e comecei a me adaptar aos protocolos sociais impostos ao ser mulher, as roupas e maquiagens passaram a importar mais do que as bonecas, e os assuntos de meninos e relacionamentos começaram a ser mais frequentes em uma necessidade de pertencer. Passei a adolescência inteira me preocupando com namorados e romances, sofrendo pelos amores impossíveis e pela necessidade de atenção. Porém, algo nestas situações sempre me incomodou e eu demorei alguns anos até me questionar as razões.

Aos 19 anos fui morar sozinha. Essa decisão foi inclusive motivada pela falta de liberdade e limitações que me eram impostas, através de micro ações opressoras presentes no círculo social na qual eu estava imersa. Nesse momento descobri outras pessoas, realidades sociais, pensamentos e ideologias, diversas comunidades que tentei pertencer. Mas em todos eles, o ponto em comum era a busca das pessoas por relacionamentos ao invés de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal.

Por modificar minha personalidade na busca pela aceitação do outro, nestes grupos, desenvolvi uma fragilidade/dependência emocional, que me fez questionar o futuro, as relações, e o roteiro que o patriarcado definia para minha vida. Seria tudo mais fácil se eu apenas fizesse o que me era imposto, mas eu queria resistir, ter opinião, poder fazer minhas próprias escolhas. Me submeti a relações que não foram saudáveis, por sustentar a necessidade de aceitação que se manifestou em minha adolescência

Com o passar do tempo, se tornou natural me dedicar mais a estar em um relacionamento romântico e decidir um futuro ao lado de alguém, construir uma casa, uma família e uma vida estável, como o roteiro do patriarcado define, ao invés de desenvolver meu autoconhecimento e me dedicar aos meus sonhos e objetivos pessoais. O amor romântico e monogâmico que tanto perseguimos e o papel social feminino foram construídos por uma sociedade patriarcal que desenvolveu um sistema de relações que beneficiasse aos homens. E esses constantemente utilizam de suas posições para diminuir e aprisionar mulheres.

No momento que percebi isso, tudo fez sentido. E assim como eu havia passado tanto tempo desconfortável em grupos que perpetuavam um padrão de sociedade que eu não concordava, mas não entendia, senti necessidade de expressar e tocar outras pessoas que compactuam do meu pensamento, ou estão em processo de autoconhecimento sobre suas posições sociais e quais obrigações devem cumprir.

Tive a oportunidade de me conhecer, estudar e entender o papel social imposto a mim e qual poderia ser de fato o meu papel social. O que foi definido pelo patriarcado e quais influências e impactos isso traria à construção da minha personalidade e dos meus desejos, precisavam ser questionados, rompendo os padrões que a sociedade impõe como papel feminino.

Percebi que muitas mulheres não tem o tempo ou a autonomia para questionarem seus papéis e suas vontades. Assim como não podem apenas abandonarem seus relacionamentos, filhos e vidas para se explorarem enquanto seres individuais em um mundo cheio de oportunidades.

Assim chegamos a este memorial e a esta dramaturgia. Enquanto artista, atriz e arte educadora, o objetivo aqui é pesquisar como transformar a luta interna que tive para entender essas questões em um espetáculo teatral que cause a reflexão sobre a construção do papel social feminino. E sobre a dificuldade em se romper com esse padrão social que aprisiona tantas mulheres em situações de vulnerabilidade. Pois é no teatro que vejo a oportunidade de expor minhas opiniões e expressar a forma como enxergo o mundo, o que eu não concordo e quero que seja transformado, acredito que por meio do teatro possamos contribuir para a transformação do mundo.

2. Dramaturgia: estruturando um monólogo autoral

A visão de dramaturgia foi se transformando ao longo da história do teatro e dos estudos dos pesquisadores da área. No período clássico a dramaturgia era mais preocupada com questões estruturais de construção de um texto, com regras e princípios.

Até o período clássico, a dramaturgia, amiúde elaborada pelos próprios autores (cf. os Discursos de CORNEILLE e a Dramaturgia de Hamburgo, de LESSING), tinha por meta descobrir regras, ou até mesmo receitas, para compor uma peça e compilar para outros dramaturgos as normas de composição. (PAVIS, 1947, p.113)

Entretanto, após o período clássico, especificamente depois dos trabalhos de Brecht, esta visão foi transformada, e enquanto pesquisadora, desenvolvo este trabalho com a seguinte visão de Patrice Pavis em mãos

Assim, "dramaturgia épica" designa, para BRECHT, uma forma teatral que usa os procedimentos de comentário e de colocação à distância épica para melhor descrever a realidade social a ser encarada, e contribuir assim para sua transformação. Nesta acepção, a dramaturgia abrange tanto o texto de origem quanto os meios cênicos empregados pela encenação. Estudar a dramaturgia de um espetáculo é portanto, descrever a sua fábula "em relevo", isto é, na sua representação concreta, especificar o modo teatral de mostrar e narrar um acontecimento. (PAVIS, 1947, p.113)

No início deste processo criativo, quando foi definido o recorte temático que seria abordado – o papel social feminino – busquei por dramaturgias que abordassem histórias de mulheres que desafiaram os costumes impostos por suas épocas e alteraram o rumo da história, do Brasil e do Mundo.

O projeto inicial era a apropriação das histórias de 3 personalidades históricas e a mesclagem de dramaturgias concebidas por outros artistas a fim de criar um novo texto, que tivesse como foco as dificuldades em ser mulher nas diferentes épocas retratadas e como as mesmas tiveram que lutar contra regras sociais e desafiar costumes patriarcais para conseguirem conquistar seus objetivos, que eram comumente considerados anseios e conquistas masculinas.

As personalidades escolhidas foram Maria Leopoldina, Imperatriz do Brasil na época da Proclamação da República. Maria Gomes de Oliveira, mais conhecida como Maria Bonita, esposa do cangaceiro Lampião e rainha do cangaço. E por último Maria Quitéria de Jesus, militar baiana que se disfarçou de homem para entrar no exército e

lutar na Guerra de Independência do Brasil chegando a ser condecorada como heroína da Independência.

Durante as pesquisas encontrei o texto “Leopoldina, independência ou morte” de Marcos Damigo (2020), que retrata os acontecimentos da vida da Imperatriz Maria Leopoldina e sua influência para a Independência do Brasil. Entretanto, não obtive o mesmo sucesso buscando obras que retratassem de forma tão completa a vida e realizações das demais personalidades escolhidas.

Assim, conclui que o caminho a seguir, seria a construção de uma dramaturgia totalmente autoral. Entretanto, trabalhar com histórias verídicas exige um método científico de pesquisa bibliográfica e verificação da veracidade das informações, e acabei percebendo que não possuía o conhecimento ou os meios necessário para retratar a histórias das mulheres que havia escolhido, e dentro do objeto de pesquisa selecionado, era mais interessante focar na construção da dramaturgia épica do que na pesquisa biográfica de personalidades históricas.

Sendo assim, analisei o tema que propus como objeto de pesquisa, a construção do papel social feminino, e conclui que poderia utilizar minha própria experiência de vida para abordar as questões femininas que me atravessam.

“Para o artista, a arte possui uma função muito maior do que simplesmente ser bela, ser agradável, decorativa, a obra é a representação do que o artista vive, pensa e sente, o artista se molda em sua obra.” (BIESDORF, WANDSCHEER, 2011). Seguindo essa visão, passei a refletir sobre o meu processo de quebra dos padrões sociais, e mergulhei nas minhas experiências pessoais para construir meu discurso.

Com isso, desenvolvi um monólogo fictício, levando em conta que ficção é a “forma de discurso que faz referência a pessoas e coisas que só existem na imaginação de seu autor, e depois, na do leitor/espectador” (PAVIS, 1947, p. 167), que acompanha a vida de Maria Joana, uma mulher vítima de feminicídio que no pós vida vê os momentos mais marcantes de sua vida serem reproduzidos diante dos olhos de todos. Durante a história vemos seu papel como mulher ser modificado ao longo dos acontecimentos que muitas vezes fogem do controle da personagem, que se vê obrigada a tomar decisões por necessidade e não de acordo com suas vontades e desejos. Durante as cenas, ela ainda reflete sobre como as mulheres são criadas e

ensinadas a cumprirem um papel social e como são punidas e julgadas quando saem do roteiro social que lhes é imposto.

2.1 Três Marias

“Maria Joana é uma jovem ambiciosa de 19 anos que estuda Administração e trabalha em uma empresa como assistente administrativa, ela se dedica muito a carreira e não tem pretensões amorosas. Mora com os pais e se sente privada de sua liberdade, enquanto é cobrada de agir de maneira feminina e conquistar um marido para construir uma família. Um dia, após chegar embriagada e discutir com o pai, ela decide ir morar sozinha. Seus planos vão bem até que um dia, em uma festa com colegas de trabalho ela é drogada, estuprada e acaba engravidando.

Devido a pressão social e a culpa que sente pelos acontecimentos, Maria decide se casar com o pai de sua filha, e 6 anos depois se encontra casada com dois filhos, sobrecarregada com o trabalho de dona de casa e em uma relação abusiva com seu esposo. Um dia ela recebe uma carta do amante dele e resolve tirar satisfações, mas acaba apanhando. Com medo do que seu marido ainda pode fazer a ela e seus filhos, ela decide fugir e mudar de identidade para se esconder de seu esposo.

Dez anos após sua fuga, Maria Joana, agora, Maria Júlia, vive sozinha com seus dois filhos e é dona de uma Brigaderia, tem uma namorada e sócia chamada Brenda. Ela conquistou seus sonhos e vive em paz, apesar de esconder seu passado de todos. Um dia, ela é assediada em um bar, reage, mas quando a polícia chega, ela leva a culpa por ter agredido seu assediador. Devido a sua passagem pela polícia, seu ex-marido a encontra e acaba matando-a.

Toda a trama é contada pelos olhos da Maria já no pós vida, relembrando a linha do tempo de sua vida e refletindo sobre os acontecimentos que resultaram em sua morte”

Os três recortes temporais retratados da vida de Maria são encenados de forma não linear, propositalmente, sendo intercalados entre si (Maria I, Maria III, Maria II, Maria I, Maria II, Maria III, ...). Assim, a princípio, o público tem a impressão de que se tratam de 3 histórias diferentes. Ao longo da encenação, os acontecimentos se encaixam e é revelado aos espectadores que se trata da mesma personagem em diferentes fases de sua vida.

Em cada momento de vida, são representados os acontecimentos que foram cruciais para a alteração de desempenho do papel social feminino da personagem, modificando também seus discursos, princípios, lutas e objetivos.

Durante as cenas, são ressaltados os mecanismo que a sociedade se utiliza para enquadrar e direcionar as mulheres a cumprirem um papel social que determina que mulheres devem se preocupar com a aparência, com relacionamentos românticos e com a construção de uma família e de um lar a qualquer custo, mesmo de seus sonhos.

A primeira etapa de pesquisa para concepção do texto foi a construção de uma estrutura linear para a peça, a partir daí, foi possível definir quais temas seriam abordados por cada fase da personagem e onde eles seriam melhor alocados. A estrutura inicial da obra ficou da seguinte forma:

- Cenas de Abertura (apresentação das personagens)
- Cenas de contexto de rotina
- Cenas de opressão das personagens
- Cenas da moral pós crises das personagens
- Cenas de conflitos internos
- Cenas de conexão das histórias
- Cena Final

Cada um desses tópicos, posteriormente, passou a possuir 3 cenas dentro de si, uma para cada personagem-fase de Maria, assim as cenas de cada fase são intercaladas e as histórias são contadas simultaneamente, causando o efeito de compreensão da história apenas no final da obra.

As cenas definidas como “Abertura” e “Contexto de rotina” foram criadas para apresentar a faixa etária e as condições socio econômicas que cada fase representa. Além de trazerem as primeiras questões fundamentais que definem o papel social de cada personagem-fase e seus principais anseios no início da obra. Assim, quando ampliado, cada tópico deu lugar a 3 cenas, que inicialmente foram montadas em formato de canovaccio.

O callevas é o resumo (o roteiro*) de uma peça, para as improvisações dos atores, em particular na Commedia dell'arte*. Os comediantes usam os roteiros (ou canovacciosi para resumir a intriga, fixar os jogos de cena, os efeitos especiais ou os lazzi. (PAVIS, 1947, p. 61)

Utilizo neste momento o canovaccio apenas como ferramenta de organização do processo de estrutura e criação das cenas, sem o intuito de manter a improvisação como disparador cênico. Como exemplo do processo de criação de cena, segue uma análise do processo de construção das cenas dos tópicos “Abertura” e “Contexto de rotina”.

“Abertura”

1. (Maria 1) Entra atrasada, fazendo café e reclamando da noite anterior, se lembra do trabalho da faculdade que não fez e sai apressada com a xicara.
2. (Maria 2) Entra fazendo um café e o lanche para seus filhos, aos gritos, avisa eles sobre o horário da escola, depois repassa seus afazeres do dia e sai.
3. (Maria 3) Entra em cena, passa um café, avisa a seus filhos que está saindo e que só dará carona a quem estiver pronto.

“Contexto de rotina”

1. (Maria 1) Entra em cena com algumas sacolas, vê um bilhete de seu marido na porta da geladeira dizendo que vai chegar tarde do trabalho. Reclama da relação, da desatenção de seu marido e da rotina da casa. Ainda assim, tenta amenizar seu sofrimento apontando pontos positivos de sua vida e de sua relação com o marido. Sai para buscar os filhos na escola.
2. (Maria 2) Entra em cena espalhando os livros e a mochila que carrega. Se senta no sofá para ver TV e reclama de todas as sinopses de filmes que encontra para assistir, apontando o quanto a indústria cinematográfica contribui para a manutenção do papel social feminino oprimido que temos atualmente. No meio de sua reflexão revela que está chateada com um projeto que fez na empresa em que trabalha e que teve o crédito oferecido a outra pessoa, um homem que faz parte da família do dono. Recebe um convite para sair.
3. (Maria 3) Entra em cena, senta para organizar algumas contas, vê algumas notícias no celular, demonstra independência sobre sua vida e fala sobre sua namorada Brenda.

Comecei a expandir os Canovaccios que havia montado e detalhar as cenas com ações e falas escrevendo os discursos sobre a construção do papel social feminino

na sociedade, que eu gostaria que as personagens apresentassem na cena, que refletia parte das minhas vivências, opressões e questões, mesclados aos acontecimentos narrativos que contam sua história. Também foi nesta etapa de expansão das cenas, a medida que detalhava a história, que comecei a tirar o enredo de Maria de sua ordem cronológica para colocá-la já na ordem do espetáculo.

Assim as cenas chegaram ao seguinte formato.

“Abertura”

(Maria 1) (Acende a luz no cenário, som de despertador por 30 segundos, o som para, silêncio. A luz se apaga)

(Maria 2) *(Acende a luz, som de despertador por 10 segundos, som para, entra Maria Joana com roupa simples, avental e chinelo; Entra, coloca água para ferver, monta o coador para passar café, pega duas sacolas de papel no armário, pega duas bananas e duas maçãs na fruteira, dois lanches na geladeira, monta as lancheiras, passa o café e serve duas xícaras)*

Vamos crianças, eu não quero ter que ir acordar vocês outra vez. E a Nicole não pode atrasar de novo, então estejam prontos em 5 min.

(pra si mesma) Ok, deixa eu repassar o dia de hoje, passar na lavanderia e pegar os ternos do Jorge, levar a Nicole ao inglês, consulta do Júnior com o pediatra, e reunião da escola do fim da tarde. Ok, as vezes da tempo de fazer um jantar mais simples.

(abre a geladeira de novo) Ah! Acabou a manteiga, vai todo mundo ter colesterol nessa casa, mas não adianta nada eu falar, como se alguém me desse ouvidos nessa casa, bom, vou ter que passar no mercado, deixa eu fazer uma lista e aproveito a parada *(pega papel e caneta)* Vamos ver, manteiga, açúcar tava acabando, *(abre os armários)*, o bolo que as crianças gostam, hmm... talvez uma torta pro jantar. *(Confere o armário)* Ah, Whiskey pro Jorge.

(Tira o avental, troca o chinelo por uma sapatilha, pega a bolsa na cadeira, as duas xícaras de café e os dois lanches)

Vamos crianças, no carro em 1 min, e quero os dentes escovados.

(Sai de cena, volta e pega a lista em cima da mesa, sai, luz apaga)

(Maria 3) *(Acende a luz, som de despertador, 10 segundos, som para, entra Maria Júlia vestida para trabalhar, roupa social, bolsa no braço. Entra, ferve água, monta o coador, passa uma xícara de café, senta na cozinha para beber, olha o celular enquanto bebe e acende um paieiro)*

Meninos, to saindo em 10 min, quem quiser carona pra escola, a hora é agora. Eu tenho que estar na Brigaderia em 40 min. A Brenda não vai hoje.

(Fica por um tempo sentada, apaga o paieiro em um cinzeiro e termina o café, coloca a xícara na pia e sai)

Vamos, que o carro tá saindo.

(Maria 1) *(Acende a luz no cenário, entra MJ apressada com tênis na mão, vestida com uma roupa esporte formal, entra correndo, joga o tênis no chão, coloca água pra ferver, monta o coador, pega um paieiro e senta no chão pra colocar o tênis, passa o café, vai até a bolsa e confere se tem o que precisa, pega um espelho e confere se a maquiagem não está borrada, passa um batom, pega a bolsa, a xícara de café, uma fatia de pão e põe na boca)*

Putá que pariu, eu tô muito atrasada, não é possível que eu não ouvi o despertador de novo, que merda, eu vou chegar atrasada no trabalho. Eu não posso perder esse emprego.

Eu disse pra mim mesma que eu não devia ter ido pro bar depois da aula ontem, mas que droga. Aliás eu tenho aula hoje, que merda, não lembro se o estudo de caso do relatório de custos era

pra hoje. Eu descubro com a Ana no caminho do trampo. Beleza, eu tenho que ir ou me ferro muito.

(Sai de cena com a mochila, a xicara de café e o pão na boca, luz apaga)

“Cenas de contexto de rotina”

(Maria 1) - *(Entra em cena com a mochila nas costas e alguns livros na mão, joga as coisas em uma cadeira, pega uma cerveja na geladeira, e coloca água pra esquentar, pega um miojo e um sache para gatos no armário, coloca o sache em um pote e chama o gato, deita no puff e começa a buscar algo para assistir no computador ou na TV)*

“Annie descobre uma traição e decide voltar para a casa dos pais na pequena Madford, lá ela descobre que o amor se encontra onde menos se espera” Ahh.. Não...

“Julia recebe uma proposta de emprego inesperada e se muda para Nova York, ela só não esperava encontrar Brady...” Ok, já sei onde isso vai...

“Após perceber seus sentimentos pelo seu melhor amigo, Julianne faz de tudo para sabotar o casamento dele” É serio?

Ahh, esse parece legal... “Uma cozinheira com problemas concorda em fazer o jantar de Natal de uma fundação local...” Olha, consciente, to gostando “e acaba se apaixonando pelo sobrinho da organizadora...” Ah, qual é...

(Larga o notebook/controla da TV)

É sempre assim, todos os filmes com protagonismo feminino é uma busca por amor, ou um encontro dele acidentalmente. Até quando as mulheres são fortes, guerreiras e independentes lutando contra regras idiotas, adivinhem, ela casa, e pra quem não sacou, eu tava falando da Mulan. *(Vai até a cozinha deixa a lata de cerveja em cima da pia e faz o miojo, deixando a embalagem e outras bagunças na cozinha)*

A gente cresce vendo contos de fadas, filmes, programas de TV, músicas e todo tipo de arte onde as mulheres são reforçadas como frágeis, necessitadas de um salvamento masculino ou validadas por meio de uma relação heteronormativa. E isso vai entrando na mente, e piora muito se a sua família for religiosa. A maior parte das mulheres desde cedo são ensinadas que devem se vestir bem, se preocupar com a aparência, ser educada, andar com as pernas juntas, cruzar as pernas ao sentar, cuidado com a roupa que sai, e tudo isso é validado pelas celebridades na TV, pelas propagandas, educadores, familiares, enfim... *(Volta para o quarto com o miojo e senta no puff para comer)*

E assim vai se construindo uma ideia, uma expectativa sobre o que é ser feminina e ai daquela doida que se desviar do santo caminho dos cosméticos.

E sabe, essa mesma narrativa é assistida pelos ditos meninos que são acostumados a discursos falocêntricos, onde a ideia de masculino é estereotipada, também construída. E assim a sociedade definiu que para se tornar um homem dentro do padrão você deve ter um pau entre as pernas e se achar melhor que todos por causa disso, curiosidade, isso não os deixa mais inteligentes, e ainda assim eles se acham no direito de roubar o seu projeto de melhoria do sistema de comunicação da empresa. MEU trabalho, MEU projeto, MINHAS 65 horas extras não remuneradas jogadas no colo de um mauricinho que ganhou o cargo porque é filho do melhor amigo do dono. Pra começar, ele nem queria essa vaga, a irmã dele queria, mas adivinhem só quem ganhou “por ter mais potencial”.

(Come mais um pouco do miojo, som de mensagem no celular, olha o celular e sorri, deixa o prato no chão e levanta)

Uh! Convite pra sair, veio na hora certa. *(Sai de cena enquanto da o texto)*

Eu vou é tomar um banho pra tirar essa urucubaca e encher a cara, que eu mereço, *(som de chuveiro)* cerveja, amigos, é só o que eu preciso *(som de chuveiro vai abaixando)*

(Maria 2) - (Entra em cena, coloca o avental e vai terminar o jantar)

(falando para fora de cena) Hoje você vai jantar no quarto e depois eu vou falar com o seu pai, e sem cara feia mocinha! *(barulho de porta batendo)* E não bate essa porta!

Socorro, que dia longo. Eu sabia que ter filhos não era fácil, mas as vezes eles desafiam a lógica da humanidade. Eu não sei de onde essa menina arrumou essa língua afiada. Imagina, falar pro professor que ele precisa de terapia pra não descontar os problemas nos alunos.

(toca um telefone) Alo! Oi Jorge, que bom que você ligou amor. A Nicole aprontou de novo. *(Olha o estado da cozinha e as coisas bagunçadas enquanto fala ao telefone)*

(silencio) Uhum. Sim o professor gritou com a turma e ela respondeu.

Bom, acontece que o professor faz terapia. E aí a Nicole disse que deveria ser falta de sexo então.

Por que você tá dando risada? Ela não pode falar dessa maneira com os professores, e onde ela aprendeu essas ideias, ela tem 6 anos.

Olha, quando você chegar em casa, precisa falar com ela. Essa menina parece que não me ouve. E você sabe que horas chega?

Hm... Tarde quanto? Sem previsão, entendo amor. Boa reunião então, seu jantar vai estar no forno quando você chegar. *(desliga o telefone)*

Eu nunca vou entender como essa casa se bagunça tão rápido.

(Organiza algumas coisas, termina o prato do jantar e guarda no forno, sai de cena)

(Maria 3) - (Entra em cena, senta no sofá/poltrona com alguns recibos e uma calculadora, começa a organizar algumas contas)

Ah, eu tenho que pedir a Brenda que encomende os chocolates para brigaderia. *(olhando o celular)*

Não acredito que esse machista se elegeu... Olha que vestido bonito. *(pega um paiero e acende)*

(toca o celular) Alo, oi amor, tava pensando em você agora, lembra daquele pedido que recebemos? Preciso que você encomende os chocolates... *(vai saindo de cena enquanto fala ao celular)*

Com os primeiros discursos e a cronologia de acontecimentos estruturados, nesta última fase de construção da dramaturgia senti necessidade de testar o que foi escrito em cena. Em muitos momentos durante a minha escrita e criação propriamente dita, não consegui imaginar uma cena sem um texto, o que me levou a esta pesquisa e investigação dramatúrgica. Entretanto, nesta etapa já não conseguia mais imaginar textos e senti que o trabalho de escrita havia paralisado, assim, aproveitei o que já havia construído e comecei a levantar a cena.

Chamei para integrar o trabalho como diretora de cena Luka Torres¹, mais que profissional, uma amiga pessoal que conheço desde antes da graduação em Teatro e que acompanhou a minha jornada.

Me refresquei com a visão de Eugênio Barba (1995, p. 68) que inicia seu capítulo sobre dramaturgia com a seguinte análise:

A palavra “texto”, antes de se referir a um texto escrito ou falado, impresso ou manuscrito, significa “tecendo junto”. Neste sentido, não há representação que não tenha “texto”. Aquilo que diz respeito ao texto (a tecedura) da representação pode ser definido como “dramaturgia”, isto é, *drama-ergon*, o “trabalho das ações” na representação. A maneira pela qual as ações trabalham é a trama. (BARBA, 1995, p. 68)

A partir desta visão, e das experimentações de cena iniciei a reformulação do texto dramático que fora criado e finalizei as cenas que ainda não haviam sido criadas junto com a construção do “trabalho das ações”, assim, toda a representação possui uma via de mão dupla entre cena e texto, sendo ambas mutuamente influenciadas pela outra, tecendo e construindo a dita dramaturgia.

Com a construção de novas cenas e a experimentação prática de encená-las, percebi que os textos que havia escrito estavam verborrágicos demais, nunca me considerei dramaturga e nunca tive uma escrita poética. Mas os monólogos estavam mais próximos de palestras, cheios de termos e teorias, deixando o trabalho denso e tedioso.

Comecei a refletir que havia muita informação sendo falada ao público e que com o excesso de conteúdo, os espectadores poderiam ter dificuldade em assimilar as informações e ainda acompanhar a narrativa que estava sendo contada. Conclui que eram textos desinteressantes cenicamente, e comecei o processo de limpeza e lapidação junto a diretora.

Transformamos os discursos em cenas e movimentações, alterando muitas das palavras e retirando alguns discursos que poderiam ser mostrados com ações e acontecimentos do dia a dia das personagens ao invés de dito em palavras, pensando em construir uma narrativa que transmita ao público a reflexão e o impacto do tema

¹ Luka Torres é Atriz, Diretora e Professora, formada pela Universidade Federal de Uberlândia em Licenciatura em Teatro no ano de 2018. É arte educadora, integrante do grupo HEX no qual contracenamos juntas em “Edgar”.

tratado sem que ele precise ser falado. “Em cena, vocês tem sempre de pôr alguma coisa em ação. A ação, o movimento, é a base da arte que o ator persegue. (...) Em cena é preciso agir, quer exterior, quer interiormente” (STANISLAVSKI, 2002, p.66).

Muitas das cenas originais foram modificadas nessa fase, e muitas das entradas e saídas de cena se transformaram em trocas de personagens entre as ações, a vista do público. O que trouxe mais dinâmica ao texto e foi justamente experimentando como as trocas de personagens poderiam ser sutis que os textos começaram a abandonar as estruturas iniciais que criei e ali surgiu um texto mais conectado e fluido, que transita entre os momentos de cada personagem de maneira orgânica. Para isso, algumas cenas, como por exemplo as cenas de abertura em que as personagens fazem café foram simplificadas e mescladas, assim como a cena de contexto de rotina da Maria 2 foi modificada visando um discurso menos teórico e focando em construir a cena a partir das ações físicas da personagem.

Neste momento, também surgiu uma mesclagem maior entre as cenas, tirando ainda mais o enredo da ordem cronológica dos acontecimentos, em prol do objetivo de criar um enredo que só é totalmente compreendido quando se chega ao final. Segue a versão final das cenas usadas como exemplo de criação, aqui opto por uma formatação diferente da anterior, para apresentar o formato final, diferente do formato anterior que estava em processo.

(Blackout. Fade-in mostrando Maria)

MariaMorta - Eita! Onde eu estou? Eu não consigo me lembrar de nada. O que eu vim fazer aqui mesmo? AAAAAi. Oxi. Mas, onde exatamente...? Quem são vocês? Eu tenho flashes... Que coisa estranha... Eu devia fazer alguma coisa..... *(acende a luz)* Esse lugar... Eu me lembro desse... eu lembro que... eu devia... fazer café? *(som de despertador)* O café!!!

(pega o avental que está no chão, no escuro, assim que ela o coloca, o palco fica claro)

Maria 2 - *(No palco mais claro, pega uma bacia de roupas, apoia na cozinha, coloca água para ferver, monta o coador em cima de uma garrafa para passar café, começa a dobrar as roupas, pega uma vassoura e começa a varrer a casa)*

Já estou atrasada, ele vai acordar, eu tenho que terminar de aprontar o café!

[Foco de luz – Maria 2] Ultimamente eu ando tão... cansada. Mas eu acho que tenho esperanças que as coisas vão melhorar, e que vou me entender melhor com o Jorge. Ele diz que logo o trabalho da uma trégua e ele vai ficar mais em casa... Quando a gente se conheceu, era... maravilhoso. Ele era muito engraçado, sempre me ouvia. Nós éramos ótimos amigos, a gente saía, se divertia... Mas isso era outra época também. Ele costumava me elogiar, prestava atenção em mim, mas naquele tempo, eu me cuidava né? Eu era bonita, me vestia tão bem. Hoje eu não tenho muito tempo pra essas coisas, e o Jorge diz que não faz questão que eu fique gastando tempo com essas bobagens de salão, unha, maquiagem... Ele compra tudo que

eu preciso. Mas eu adorava passear no shopping, experimentar os batons, perfumes, as vezes eu ia nas lojas de roupa só pra experimentar e tirar umas fotos no provador, sabe? Ai ai ... mas isso foi antes de... antes de tudo, antes de eu me apaixonar... Mas sabe que eu nem percebi que eu me apaixonei? Engraçado que quando menos percebi já estava casada e mãe de...
[luz-geral]

As crianças!!! Como que eu me esqueço (*coloca duas lancheiras do lado do café*) eu tenho que ir acordar eles, a Nicole não pode atrasar de novo, meu Jesus, (*pra si mesma*) Ok, deixa eu repassar o dia de hoje, passar na lavanderia e pegar os ternos do Jorge, levar a Nicole ao inglês, consulta do Júnior com o pediatra, e reunião da escola no fim da tarde. Ok, as vezes da tempo de fazer um jantar mais simples (*diz ela enquanto anda pelo palco em direção ao “quarto das crianças” e passa pelo [banheiro-camarim] (tira o avental, e coloca um blazer por cima, entra Maria 3)*)

Maria 3 - (*Entra Maria Júlia vestida para trabalhar, roupa social. Entra, pega a xícara de café na mesa*)

Júnior, to saindo em 10 min, se quiser carona pra escola, a hora é agora e chama a sua irmã. Eu tenho que estar na Brigaderia em 40 min, não posso atrasar porque a Brenda não vai hoje, tenho que abrir a loja sozinha.

(*Vai até a sala com a xícara, senta no sofá, acende um paieiro e checa algumas informações no celular*)

(*falando pra si mesma*) Cliente cobrando... Nossa que vestido bonito... Ah, eu não acredito que esse machista se elegeu (*guarda o celular, e grita*). Vamos crianças, eu já to saindo. (*Vai pro quarto passar perfume e colocar brincos, um dos brincos cai enquanto ela se arruma, ela se abaixa pra pegar, se levanta Maria 1 as pressas*)

Maria 1 - (*Se levantando rápido atrás de um móvel, procurando algo desesperadamente*)

Putá que pariu, eu to muito atrasada, (*gritando com a mãe de longe*) mãaae você viu as chaves do carro? (*volta a se arrumar com pressa*) não é possível que eu não ouvi o despertador de novo, que merda, eu vou chegar atrasada no trabalho, de novo, e não faz uma semana que eu comecei. Eu não quero perder esse emprego, não quero mais ficar dependendo da minha mãe. E depois eu ainda tenho que ir pra faculdade...

(*Serve uma xícara de café de qualquer jeito, derrubando na mesa, vira e põe um pão na boca, sai de cena as pressas pela rotunda - sai de casa*)

Maria 2 - (*Entra em cena pela mesma rotunda com algumas sacolas, com certa pressa, pega o troco das compras, e com medo de alguém chegar, olhando para os lados, abre o armário, retira muitos itens e pega uma pequena caixa escondida, coloca o troco do supermercado e arruma tudo, se levanta e vê um bilhete na porta da geladeira, pega e lê em voz alta*)

“Maria, vou chegar tarde hoje, tenho reunião com novos clientes da empresa. Pode deixar o jantar dentro do forno.”

Hmm... reunião de novo... “Pode deixar, pode deixar o jantar no forno”, oras. Pois deixo se eu quiser. (*Devolve o bilhete para a geladeira com certa agressividade*)

(*Começa a fazer atividades da casa, guardar compras, cozinhar, lavar roupa, estender, lavar louça, entra em um frenesi de atividades e até repete algumas*)

Olha isso, quer que deixa janta pronta e não consegue servir uma xícara de café sem sujar tudo. Não lava um prato aqui em casa. Todo dia chega tarde, come, bebe, larga a louça

na pia, e não custa nada pegar um copo e lavar, mas não, vai deixando tudo aqui acumulado, depois a idiota tem que ficar catando.

Mas fazer o que, é só isso que eu tenho pra fazer o dia inteiro também né, vou reclamar não, que se não fosse essa casa eu não tinha era nada pra fazer. E esses brinquedos, eu vou é juntar isso tudo e jogar fora, aí eu quero ver criança chorando. Eu aviso, mas ninguém acredita em mim. Aiai, eu disse que eu não ia reclamar. O Jorge sempre diz que eu reclamo demais. Mas eu amo meus filhos, minha vida... E meu marido também. Ele é um homem maravilhoso, faz de tudo pela família. Essa família me salvou. Eu não seria nada sem ela.

Mas meu marido trabalha muito, e eu sei que as coisas não são mais como eram no começo, mas acho que é normal as coisas esfriarem depois de 6 anos de casamento né. A rotina fica corrida e é mais difícil lidar com todas as áreas da vida. Imagina, cuidar de uma carreira, trabalhar o dia inteiro, é confortável chegar em casa e ter as coisas organizadas, comida feita. Eu fico aqui o dia inteiro, é plausível que eu faça as coisas. Mas nossa, parece que quanto mais coisa a gente faz, mais coisa aparece pra fazer.

(toca um relógio indicando hora cheia)

Ahh! As crianças na escola... *(sai de cena pela rotunda - sai de casa)*

Maria 1 - *(Entra em cena pela rotunda, com a mochila nas costas, apresentando fortes sinais de embriaguez)*

(entra cambaleando em cena, antes de entrar em casa) Eu só quero um miojo, meu gato e esquecer daquele meu chefe otário, “vc tem que vestir a camisa da empresa” awnwmawna camisamwamwma, seboso!

(entra em casa e se assusta com o pai na sala esperando por ela) Porra pai, que susto, tá aí na cadeira parecendo uma assombração, não tem que dormir não...

... mas qual o problema, eu só tava me divertindo um pouco, eu, aposto que se eu fosse homem você não tava nem aí...

...Eu não tenho que dar exemplo nenhum, não tenho que me mostrar pra homem nenhum, eu nem quero um marido, e eu não sou frágil. Eu sou forte, sou independente, sou uma guerreira, eu sou a porra da Mulan! Só que sem aquele bombado babaca. E para de gritar comigo!

(a conversa vai se transformando numa discussão, cada parágrafo a conversa fica mais agressiva)

FEMININA É O CARALHO. Eu, vou ser mais feminina sim pai! Porque a sociedade definiu que para ser minimamente bom, você deve ter um pau entre as pernas e se achar melhor que todos por causa disso ou roubar meu projeto, e adivinha só pai! Isso não os deixa mais inteligentes, e nem dá o direito de roubar um projeto que era meu, minha melhoria do sistema de comunicação da empresa. MEU trabalho, MEU projeto, MINHAS 65 horas extras não remuneradas jogadas no colo de um mauricinho que ganhou o cargo porque é filho do dono, e ele nem queria essa vaga, mas ganhou “por ter mais potencial”, essa que é a tal da meritocracia... *(barulho de tapa, fazendo o rosto da personagem se virar para o público)*

[Foco de luz – Maria 1] – Eu não achei que meu pai fosse capaz de me bater, eu não sei o que veio na minha cabeça, mas eu sabia que eu não podia deixar isso acontecer, eu tinha acabado de me chamar de Mulan, eu não podia aceitar, eu não podia... mas ele continuou me batendo e falando aqueles absurdos, e então, num ato de fúria impensado, eu comecei a arrumar as malas, arremessei todas as blusas e calças e coisas que eu comprei com o meu

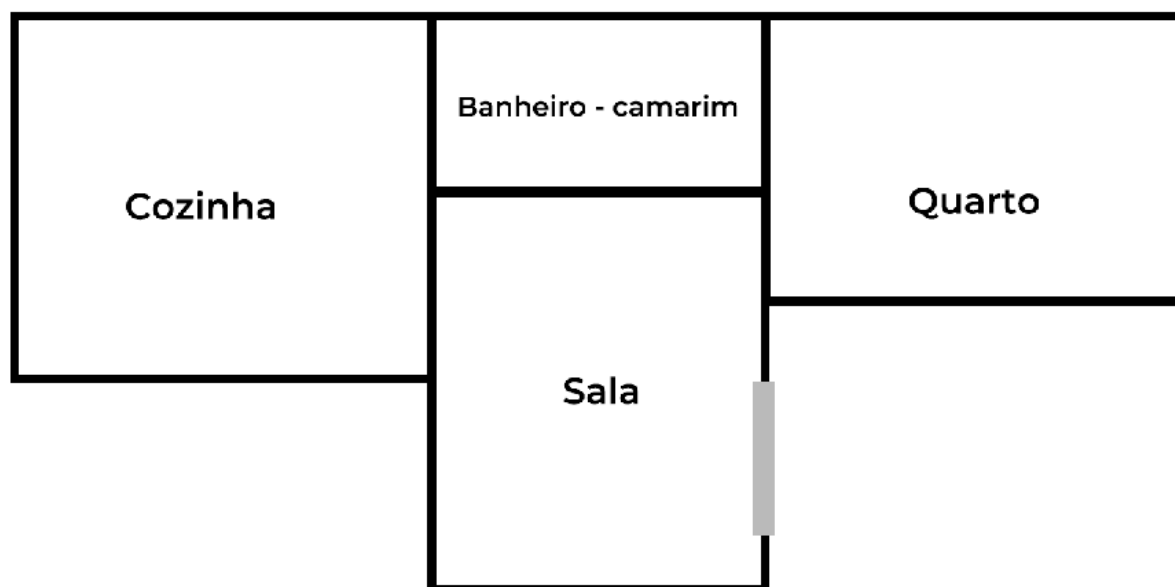
dinheiro, e firme da minha decisão eu apaguei de cansaço sobre as malas... mas amanhã, eu vou embora dessa casa (*fade-out*)

Maria 3 – (no quarto, buscando carregador”)

[sai do quarto e vai para a sala, senta no sofá, põe na tomada, e começa os barulhos de candy crush, depois ela se levantaria pra fazer algumas coisas, bate o dedinho numa quina, derruba algo no chão, etc, e se mostra calma e tranquila com tudo]

Nossa, que desastre, ai, mas eu to tão cansada, vou tomar um banho e depois eu arrumo tudo, não tem pra que ter pressa com isso. (se direciona para o banheiro) **[passa pelo banheiro-camarim]**”

Neste último momento de construção, expansão e lapidação da dramaturgia, já estavam mais claros os cenários em que as personagens estariam inseridas, e como eu poderia integra-los. Assim foi definido que o cenário seria como uma casa em planta baixa, mostrando uma sala, uma cozinha e um quarto. Cada cenário representa uma das fases de Maria Joana, mas todas permeiam todos os ambientes.



(Proposta de palco imaginada pela atriz e entrega como proposta para diretora)

Além disso, comecei a imaginar quais objeto as personagens poderiam carregar para que houvesse uma marcação temporal e um auxílio visual para as trocas de personagens, tornando-as mais claras aos expectadores, visto que as mesmas ocorreriam as vistas do público ou em uma passagem rápida pela coxia.

Defini um acessório para cada uma das fases que seria usado como uma identificação ao público de qual personagem está com a voz naquela cena. Além disso, também achei importante que cada uma tivesse uma cor base de iluminação que apoia as decisões de figurinos e cenografia.

No Anexo desta pesquisa é possível acessar a versão final do monólogo desenvolvido.

3. Escolhas dramatúrgicas e conexões

Maria Joana Fase I

A Primeira fase da personagem mostra uma Maria jovem, que tem uma rotina cheia com trabalho e faculdade, seu objeto é uma pequena bolsa. Ela trás em suas cenas falas sobre a mulher no mercado de trabalho, as dificuldades em se inserir em ambientes empresariais historicamente machistas e a desvalorização profissional.

Além disso, ela sempre questiona a forma como as mulheres são retratadas pela mídia e a pressão que existe para que elas se casem e construam uma família com filhos. Essa personagem tem seu momento crítico quando é dopada e estuprada por seu melhor amigo. Ela descobre uma gravidez resultado desse ato e acaba decidindo, pelo bem da criança se casar com ele.

Nessa altura de sua história, ela aborda a confusão e o medo que vítimas de abuso sofrem, ela não se reconhece e não sabe exatamente o que aconteceu, dificultando seu próprio entendimento sobre sua situação. Nesse ambiente vulnerável, ela é manipulada a acreditar que ela quis e deve agora assumir o resultado da relação sexual.

Maria se molda aos acontecimentos da sua vida e acaba deixando de lado todos os princípios que defendia, pois entra em crise com sua própria existência. Este arco de sua vida se conecta com as vivências pessoais relatadas anteriormente e refletem o período em que me senti perdida e emocionalmente fragilizada.

Aproveitando de minhas experiencias pessoais, atribui a personagem a profissão que exercia antes de entrar na faculdade de Teatro, Administradora de empresas. Além disso, sua necessidade de liberdade e sua saída de casa também são reflexos da minha biografia.

Maria Joana Fase II

A segunda fase de Maria Joana começa após 6 anos de casamento, ela já está mais madura, porém oprimida e seu objeto é o avental que sempre usa. Neste momento Maria já tem um segundo filho, de 4 anos, com seu marido Jorge. Ela traz em seu discurso a desvalorização do trabalho de donas de casa e mães, a sobrecarga feminina e o abandono da vaidade e de cuidados básicos, vulnerabilidade e dependência financeira.

Seu momento de crise é quando ela descobre que seu marido está a traindo com outro homem. Ela questiona seu marido e aborda sua sexualidade, o que faz ele sair do sério e a agredir. Aqui sua narrativa expõe além da traição e da violência doméstica, a fragilidade da masculinidade e o tabu que os homens tem para assumirem sua sexualidade.

Devido à falta de opções para se retirar daquela situação, Maria decide fugir com os dois filhos após ser ameaçada de morte por Jorge, ela troca de nome e recomeça sua vida, mais uma vez, ela se adapta aos acontecimentos que fugiram de seu controle.

Apesar de não ter tido filhos até o momento, esta fase da vida de Maria se conecta com minhas vivências pessoais devido ao abuso que a personagem apresenta dentro da relação e a sobrecarga de atividades doméstica que experimentei em minhas vivências em repúblicas e posteriormente em relacionamentos românticos em que dividi moradia.

Maria Joana Fase III ou Maria Júlia

Nesta última etapa de narrativa da vida de Maria, o recorte inicia após cerca de 9 anos desde a separação, o objeto desta fase é um óculos de sol. Ela reestruturou sua vida e ainda tenta se recuperar dos anos de depressão, crises e angústias que passou com o marido. Ela traz a independência feminina e a rotina de mãe solteira como principais discursos.

Seu momento de crise acontece quando ela é assediada em um bar, mas reage. A polícia é chamada e ela acaba saindo como agressora da situação e é desacreditada em relação ao abuso. Aqui ela aborda a questão da dificuldade das mulheres em denunciarem seus agressores, pois somos constantemente

desacreditadas e chamadas de exageradas em pequenas situações de abusos no dia a dia.

Outro ponto que ela aborda daí para frente, é a questão da construção da ideia de masculino e feminino e como nossa sociedade foi milimetricamente construída para que o masculino seja predominante e considerado o correto. Ela discursa sobre o ódio ao feminino e a sociedade machista.

Com sua morte, quero trabalhar o feminicídio, revelando o destino de muitas mulheres que são assassinadas por todos os motivos, banais ou não. Essas mulheres perdem a voz de suas histórias, tem seu fim retratado por uma notícia de jornal, e as vezes nem isso. Aqui se encerra a narrativa de Maria, que tentou ser várias no fluxo da vida, mas não teve controle sobre a própria jornada, tudo resultado de acontecimentos corriqueiros de uma sociedade machista, que manipula a trajetória das mulheres e às tiras a oportunidade de viver.

O arco de Maria Júlia reflete minha atual opinião sobre os conceitos de feminino e masculino e também meu processo de recuperação da minha personalidade e dos meus objetivos pessoais. Também aborda o descrédito de abusos, que infelizmente contempla minha vivência enquanto mulher na sociedade.

4. Conclusão

Esta pesquisa foi um longo trabalho de imersão em processo criativo. Mas ao mesmo tempo também foi um grande aprendizado pessoal. Nem todo mundo cria da mesma maneira. E enquanto atriz eu sentia muita dificuldade em conceber trabalhos artísticos autorais.

Ao longo da minha jornada na Universidade, trabalhei com muitos textos de diferentes temáticas e gêneros teatrais, mas todos os processos que me envolvi sempre foram propostos e estruturados por professores ou colegas. Senti falta de investir nos meus discursos e na minha visão criativa.

Como o tema da dramaturgia resgata parte da minha luta pessoal enquanto mulher na sociedade, escreve-lo foi uma reconexão com minha artista, com o meu feminino

e com os meus princípios enquanto indivíduo na sociedade, quase uma sessão de terapia.

Como pesquisadora vejo a necessidade de ampliar meu diálogo com outras pesquisadoras, ler mais mulheres que falam sobre a própria construção cênica e de discurso bem como expandir meu repertório para que eu possa conectar minhas produções artísticas com as obras destas mulheres que resistem. Porque um forte reflexo do patriarcado estrutural é este trabalho que mesmo enquanto resisto cito homens brancos héteros e cis gêneros.

A pesquisa segue, visto que finalizamos a proposta dramatúrgica, agora é hora de por em cena. Continuarei o processo de investigação de construção das personagens na prática e analisando como a prática atravessa o texto.

5. Referências

BARBA, Eugenio. Dramaturgia: Ações em trabalho. In: BARBA, Eugenio; SAVARESE, Nicola. **A Arte secreta do ator**: Dicionário de Antropologia Teatral. Campinas, SP: HUCITEC, 1995. p. 68. ISBN 85.271.0303-6 Hucitec.

BIESDORF, Rosane Kloh; WANDSCHEER, Marli Ferreira. **Arte, uma necessidade humana**: função social e educativa. Itinerarius Reflectionis: Revista Eletrônica do curso de pedagogia do campus Jataí-UFG-Goiás, v. 7, n. 1, 2011.

BRASILEIRO, Ana Amélia. A Experiência do Monólogo, Autoria e Construção de Si. **Revista Intratextos**, v. 1, p. 103-122, 2010.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2000.

MEYER, Marlyse. Pirineus, caixas...: deambulações literárias. São Paulo: Conselho Estadual da Cultura, 1967.

NASCIMENTO, Rodrigo Alves do. Iuri Lótman e a semiótica do teatro. Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso, v. 14, p. 199-219, 2019.

PAVIS, Patrice, 1947. **Dicionário de teatro** / Patrice Pavis; tradução **para a língua portuguesa sob a direção de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira**. 3. ed - São Paulo: Perspectiva. 2008.

PAVIS. Patrice. **A análise dos espetáculos**: teatro, mímica, dança, teatro-dança, cinema. Tradução de Sérgio Sávia Coelho. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

STANISLAVSKI, Constantin. A Preparação do Ator; Tradução de Pontes de Paula Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

6. Apêndice

Texto Dramatúrgico Três Marias (Versão Final)

Três Marias

(Blackout. Fade-in mostrando Maria)

MariaMorta - Eita! Onde eu estou? Eu não consigo me lembrar de nada. O que eu vim fazer aqui mesmo? AAAAi. Oxi. Mas, onde exatamente...? Quem são vocês? Eu tenho flashes... Que coisa estranha... Eu devia fazer alguma coisa..... (acende a luz) Esse lugar... Eu me lembro desse... eu lembro que... eu devia... fazer café? *(som de despertador)* O café!!!

(pega o avental que está no chão, no escuro, assim que ela o coloca, o palco fica claro)

Maria 2 - *(No palco mais claro, pega uma bacia de roupas, apoia na cozinha, coloca água para ferver, monta o coador em cima de uma garrafa para passar café, começa a dobrar as roupas, pega uma vassoura e começa a varrer a casa)*

Já estou atrasada, ele vai acordar, eu tenho que terminar de aprontar o café!

[Foco de luz – Maria 2] Ultimamente eu ando tão... cansada. Mas eu acho que tenho esperanças que as coisas vão melhorar, e que vou me entender melhor com o Jorge. Ele diz que logo o trabalho da uma trégua e ele vai ficar mais em casa... Quando a gente se conheceu, era... maravilhoso. Ele era muito engraçado, sempre me ouvia. Nós éramos ótimos amigos, a gente saía, se divertia... Mas isso era outra época também. Ele costumava me elogiar, prestava atenção em mim, mas naquele tempo, eu me cuidava né? Eu era bonita, me vestia tão bem. Hoje eu não tenho muito tempo pra essas coisas, e o Jorge diz que não faz questão que eu fique gastando tempo com essas bobagens de salão, unha, maquiagem... Ele compra tudo que eu preciso. Mas eu adorava passear no shopping, experimentar os batons, perfumes, as vezes eu ia nas lojas de roupa só pra experimentar e tirar umas fotos no provador, sabe? Ai ai... mas isso foi antes de... antes de tudo, antes de eu me apaixonar... Mas sabe que eu nem percebi que eu me apaixonei? Engraçado que quando menos percebi já estava casada e mãe de... **[luz-geral]**

As crianças!!! Como que eu me esqueço (*coloca duas lancheiras do lado do café*) eu tenho que ir acordar eles, a Nicole não pode atrasar de novo, meu Jesus, (*pra si mesma*) Ok, deixa eu repassar o dia de hoje, passar na lavanderia e pegar os ternos do Jorge, levar a Nicole ao inglês, consulta do Júnior com o pediatra, e reunião da escola no fim da tarde. Ok, as vezes da tempo de fazer um jantar mais simples (diz ela enquanto anda pelo palco em direção ao “quarto das crianças” e passa pelo **[banheiro-camarim]** (*tira o avental, e coloca um blazer por cima, entra Maria 3*)

Maria 3 - (*Entra Maria Júlia vestida para trabalhar, roupa social. Entra, pega a xícara de café na mesa*)

Júnior, to saindo em 10 min, se quiser carona pra escola, a hora é agora e chama a sua irmã. Eu tenho que estar na Brigaderia em 40 min, não posso atrasar porque a Brenda não vai hoje, tenho que abrir a loja sozinha.

(*Vai até a sala com a xícara, senta no sofá, acende um paiero e checa algumas informações no celular*)

(*falando pra si mesma*) Cliente cobrando... Nossa que vestido bonito... Ah, eu não acredito que esse machista se elegeru (*guarda o celular, e grita*). Vamos crianças, eu já to saindo. (*Vai pro quarto passar perfume e colocar brincos, um dos brincos cai enquanto ela se arruma, ela se abaixa pra pegar, se levanta Maria 1 as pressas*)

Maria 1 - (*Se levantando rápido atrás de um móvel, procurando algo desesperadamente*)

Putaquepariu, eu to muito atrasada, (*gritando com a mãe de longe*) mãaae você viu as chaves do carro? (*volta a se arrumar com pressa*) não é possível que eu não ouvi o despertador de novo, que merda, eu vou chegar atrasada no trabalho, de novo, e não faz uma semana que eu comecei. Eu não quero perder esse emprego, não quero mais ficar dependendo da minha mãe. E depois eu ainda tenho que ir pra faculdade...

(*Serve uma xícara de café de qualquer jeito, derrubando na mesa, vira e põe um pão na boca, sai de cena as pressas pela rotunda - sai de casa*)

Maria 2 - (*Entra em cena pela mesma rotunda com algumas sacolas, com certa pressa, pega o troco das compras, e com medo de alguém chegar, olhando para os lados, abre o armário, retira muitos itens e pega uma pequena caixa escondida, coloca o troco do supermercado e arruma tudo, se levanta e vê um bilhete na porta da geladeira, pega e lê em voz alta*)

“Maria, vou chegar tarde hoje, tenho reunião com novos clientes da empresa. Pode deixar o jantar dentro do forno.”

Hmm.. reunião de novo... “Pode deixar, pode deixar o jantar no forno”, oras. Pois deixo se eu quiser. (Devolve o bilhete para a geladeira com certa agressividade)

(*Começa a fazer atividades da casa, guardar compras, cozinhar, lavar roupa, estender, lavar louça, entra em um frenesi de atividades e até repete algumas*)

Olha isso, quer que deixa janta pronta e não consegue servir uma xícara de café sem sujar tudo. Não lava um prato aqui em casa. Todo dia chega tarde, come, bebe, larga a louça na pia, e não custa nada pegar um copo e lavar, mas não, vai deixando tudo aqui acumulado, depois a idiota tem que ficar catando.

Mas fazer o que, é só isso que eu tenho pra fazer o dia inteiro também né, vou reclamar não, que se não fosse essa casa eu não tinha era nada pra fazer.

E esses brinquedos, eu vou é juntar isso tudo e jogar fora, ai eu quero ver criança chorando. Eu aviso, mas ninguém acredita em mim.

Aiai, eu disse que eu não ia reclamar. O Jorge sempre diz que eu reclamo demais. Mas eu amo meus filhos, minha vida... E meu marido também. Ele é um homem maravilhoso, faz de tudo pela família. Essa família me salvou. Eu não seria nada sem ela.

Mas meu marido trabalha muito, e eu sei que as coisas não são mais como eram no começo, mas acho que é normal as coisas esfriarem depois de 6 anos de casamento né. A rotina fica corrida e é mais difícil lidar com todas as áreas da vida.

Magina, cuidar de uma carreira, trabalhar o dia inteiro, é confortável chegar em casa e ter as coisas organizadas, comida feita. Eu fico aqui o dia inteiro, é plausível que eu faça as coisas. Mas nossa, parece que quanto mais coisa a gente faz, mais coisa aparece pra fazer.

(toca um relógio indicando hora cheia)

Ahh! As crianças na escola... *(sai de cena pela rotunda - sai de casa)*

Maria 1 - *(Entra em cena pela rotunda, com a mochila nas costas, apresentando fortes sinais de embriaguez)*

(entra cambaleando em cena, antes de entrar em casa) Eu só quero um miojo, meu gato e esquecer daquele meu chefe otário, “vc tem que vestir a camisa da empresa” awnwmanwna camisamwamwma, seboso!

(entra em casa e se assusta com o pai na sala esperando ela) Porra pai, que susto, ta aí na cadeira parecendo uma assombração, não tem que dormir não...

... mas qual o problema, eu só tava me divertindo um pouco, eu, aposto que se eu fosse homem você não tava nem aí...

...Eu não tenho que dar exemplo nenhum, não tenho que me mostrar pra homem nenhum, eu nem quero um marido, e eu não sou frágil. Eu sou forte, sou independente, sou uma guerreira, eu sou a porra da Mulan! Só que sem aquele bombado babaca. E para de gritar comigo!

(a conversa vai se transformando numa discussão, cada parágrafo a conversa fica mais agressiva)

FEMININA É O CARALHO. Eu, vou ser mais feminina sim pai! Porque a sociedade definiu que para ser minimamente bom, você deve ter um pau entre as pernas e se achar melhor que todos por causa disso ou roubar meu projeto, e adivinha só pai! Isso não os deixa mais inteligentes, e nem dá o direito de roubar um projeto que era meu, minha melhoria do sistema de comunicação da empresa. MEU trabalho, MEU projeto, MINHAS 65 horas extras não remuneradas jogadas no colo de um mauricinho que ganhou o cargo porque é filho do dono, e ele nem queria essa vaga, mas ganhou “por ter mais potencial”, essa que é a tal da meritocra... *(barulho de tapa, fazendo o rosto da personagem se virar para o público)*

[Foco de luz – Maria 1] – Eu não achei que meu pai fosse capaz de me bater, eu não sei o que veio na minha cabeça, mas eu sabia que eu não podia deixar isso acontecer, eu tinha acabado de me chamar de Mulan, eu não podia aceitar, eu não podia... mas ele continuou me batendo e falando aqueles absurdos, e então, num ato de fúria impensado, eu comecei a arrumar as malas, arremessei todas as blusas e calças e coisas que eu comprei com o meu dinheiro, e firme da minha decisão eu apaguei de cansaço sobre as malas... mas amanhã, eu vou embora dessa casa (*fade-out*)

Maria 3 – (no quarto, buscando carregador”)

[sai do quarto e vai para a sala, senta no sofá, põe na tomada, e começa os barulhos de candy crush, depois ela se levantaria pra fazer algumas coisas, bate o dedinho numa quina, derruba algo no chão, etc, e se mostra calma e tranquila com tudo]

Nossa, que desastre, ai, mas eu to tão cansada, vou tomar um banho e depois eu arrumo tudo, não tem pra que ter pressa com isso. (*se direciona para o banheiro*) **[passa pelo banheiro-camarim]**

Maria 2 - (Entra em cena e vai terminar o jantar)

Que barulho foi esse? Jorge? Já chegou? (*vê a bagunça*) Ah! Já basta tudo o que eu faço. Boniito ein Nicole!?, hoje você vai jantar no quarto e depois eu vou falar com o seu pai, e sem cara feia mocinha! Já não basta o que fez hoje na escola?? (*barulho de porta batendo*) E não bate essa porta!

Socorro, que dia longo. Olha, eu sabia que ter filhos não era fácil, mas as vezes eles desafiam a lógica da humanidade. Eu não sei de onde essa menina arrumou essa língua afiada, e se fosse só isso afiado... certeza que puxou da família do Jorge, irritado como ele. Imagina, machucar o coleguinha por causa de um bicho morto...

(*toca um telefone*) Alô! Oi Jorge, que bom que você ligou amor. A Nicole aprontou na escola de novo. (*Olha o estado da cozinha e as coisas bagunçadas enquanto fala ao telefone*)

(*silencio*) Uhum... Pois é, ela agrediu um colega por causa de um calango...

...

Agressão Jorge, não sabe o que significa a palavra agressão?

Eu não sou surtada... Não é exagero! Porque você nunca me escuta?

JORGE! ELA ARRANCOU A ORELHA DE UM COLEGA. Se isso não é agressão, como que eu vou chamar isso?

É Jorge, arrancar, morder e tirar do lugar, depois cuspir a orelha do menino, você não enten...

Você tá rindo? Isso não é piada! É assim que você lida com uma situação dessas envolvendo sua filha Jorge??

...Olha (*respira fundo*) quando você chegar em casa, você pre-ci-sa falar com ela. Essa menina parece que não me ouve.

E você sabe que horas você chega?...

...Hm... Tarde? Tarde quanto Jorge? Sem previsão... tudo bem, eu entendo amor, boa reunião então, seu jantar vai estar no forno quando você chegar, tudo bem?

Beijo... Tchau...

...

Te amo, tá?? Tchau. *(desliga o telefone)*

Eu nunca vou entender como essa casa se bagunça tão rápido.

(Organiza algumas coisas, termina o prato do jantar e guarda no forno e sai com o lixo)

Maria 1 - *(Entrando pela rotunda)* É aqui? Poxa, no anúncio parecia maior, mas tá tudo bem, melhor agora que eu tenho o meu canto só pra mim. *(entra na casa, e começa a mexer no celular)*, vou só esperar todos os móveis chegarem e vou fazer uma festa de casa nova! Mas eu não sabia que as coisas pegam poeira tão rápido... *(olha para o avental e vai até a vassoura)*

Maria 2 - *(pegando a vassoura)* O que vocês esperavam?! Eu to em casa o tempo todo. E quem limpa tudo por aqui sou eu. Vocês vão me ver aqui bem mais do que elas viu?

Mas isso é porque elas trabalham, e não que eu não trabalhe, mas não é como elas. Eu tenho algumas responsabilidades só...

Acordo as crianças, levo pra escola, levo pra natação, pro judô, pro kumon, ajudo com o dever de casa, se bem que acho que mudaram a matemática porque já não entendo mais nada. Lavo roupa, lavo louça, lavo a casa, e lavo a casa todo dia, às vezes lavo até o Jorge, o filho não o pai *(respira)*

Ah, e também tiro o lixo, água as plantas, faço compras, lavo o carro, acordo as crianças, eu já falei isso? Mas eu sou mãe né? Não é isso que eu devia fazer? Se bem que eu acordo o Jorge também, mas ele é meu marido vai, eu acho que eu posso ajudar. Ah! E ele trabalha! 8H por dia muito bem remuneradas! Aham... *(Vai organizando os ambientes)*

[CENA MUSICADA DE ARRUMAÇÃO DO CENÁRIO] -Música Pra todas as mulheres (Mariana Noalasco) (Que se encerra em um fade-out, transição musical)

Maria 1 – *(Música de balada, luzes coloridas, som de pastilha caindo no copo e efervescência, blackout, luz negra. Escuro, apenas uma luz negra ilumina gradualmente o palco, jogo de mãos com pó branco marcando a roupa preta)*

Palavras: Capacidade que confere à raça humana a possibilidade de se expressar verbalmente; fala. Podem ser usadas pra amar ou pra ferir.

Desejo: Aspiração; vontade de ter ou obter algo. Ou um Impulso pelo prazer

Confiança: Sentimento de quem confia, de quem acredita na sinceridade de alguém: ela tinha confiança no amigo.

Consciência: Percepção dos fenômenos próprios da existência; opõe-se à inconsciência: perder a consciência.

VOZ MASCULINA - Consentimento: Concordância; ação de manifestar aprovação em relação a alguma coisa: ela **permitiu** que eu tocasse seu corpo.

VOZ MASCULINA - Prazer: Satisfação sexual ou Ação de se divertir; em que há divertimento.

Mas prazer de quem?

(Cai na cama derrotada, luz acende, Maria levanta mostrando suas roupas manchadas, sua maquiagem borrada, ela acorda com o despertador, respira, se olha e vai ao banheiro em completo silêncio e horror, sai de cena, som de chuveiro, luz apaga)

Maria 2 - (Entra em cena com um bolo de cartas na mão) Que carta diferente... Será que de algum banco? *(abre o envelope e retira alguns papéis, cai incrédula na cadeira e começa a chorar)*

(luz vai se apagando aos poucos enquanto Maria chora)

(foco de luz com a cor de Maria 2)

Maria 2 - *(ainda sentada onde estava chorando)* Eu não tive problema com o que eu vi nas fotos. Por algum motivo o amante do meu marido decidiu me enviar a foto do romance deles. Eu pouco me importava com o que ele gostava ou deixava de gostar. O problema foi ele esconder de mim! Eu até poderia ter aceitado numa boa se a gente tivesse conversado, eu sou compreensiva, era só conversar, sabe? Mas a humilhação de ser enganada, depois de todos esses anos sendo a “esposa perfeita”, fazendo tudo que ele mandava, porque ele sabia o que era melhor pra mim... desde o começo...

(se levanta, retira o avental e vai para sala)

(luz foco/geral (tbd) cor Maria 3)

Maria 3 - *(pega uma garrafa de vinho e uma taça, enche e da um gole bem grande, enche mais um pouco e devaneia em ideias)*

A vida não tem um script, não segue um padrão

Mas hoje eu tenho a minha ideia...

O que fiz por mim e por minha própria razão.

Louca, exagerada, puta, é assim que chamam qualquer mulher que fala não.

E depois ainda culpada, por quem devia dar proteção.

Me sinto tão brasileira gritando, filho da puta de juiz ladrão.

Mas nada acontece com quem te põe a mão.

O rolê vira risco, além do assédio.

Se há reação, prisão e descrédito.

Porque se tratando de mulher, ninguém sequer dá o crédito.

E aí que me volta o medo

medo de não acreditarem no que temos pra contar

medo do trauma que vou ter que levar

E sinceramente, hoje meu principal medo... (engole seco) É que ele possa me achar...

(celular toca)

(Luz geral, Maria atende)

Oi amor, tentei te ligar sim.

(silencio)

É, eu virei a noite na delegacia. Sabe quando você fala e ninguém escuta? 35 clientes no bar, e nenhuma testemunha. O cara me passa a mão, e eu saio como errada porque dei um soco nele? Tenha dó, eu só tava me defendendo.

(Silencio)

Exagerada não, eu não sei quantas vezes nessa vida eu fui chamada de exagerada, de surtada, por que eu tava falando a verdade. Mas será que eu que sou exagerada ou a sociedade é programada pra ficar cega quando contradizem as regras? Você lembra do que aconteceu com o Bey e o namorado dele não é? A gente sabe a realidade que ninguém admite.

(Silencio)

Aquele dia, o Bey apanhou, mas ninguém encostou um dedo no namorado dele. E a gente sabe que isso é um projeto.

O feminino é odiado sempre que ele sai das expectativas patriarcais. O problema do gay é “dar pinta”, porque quando ele abre mão da masculinidade, ele está negando todo um sistema de construção de ideias de gênero, que dita que ser masculino, ser homem é se comportar de uma dita maneira, se vestir de uma dita maneira.

E todo mundo que desafia essa lógica vai ser massacrado, excluído e julgado. O masculino sempre determinou a nossa vida, se em uma sala há 30 mulheres e 1 homem, nos referimos ao grupo como OS clientes, OS alunos, OS tristes seres humanos. Porque aquele único individuo determina a nossa gramática.

Deus não tem gênero, mas ainda assim é O Deus.

As mulheres são um projeto da sociedade, nós fomos ensinadas que nossos corpos são armas, que devemos nos cuidar para agradar a visão masculina, se decidimos não nos depilar, ou não usar maquiagem, podemos até perder o emprego.

(Silêncio)

Eu sei, acabei discursando... desculpa, eu vou me acalmar, tomar um banho e amanhã nos vemos na Brigaderia. Alíás os números estão ótimos e to muito feliz com a nova receita de brigadeiro. Quero te mostrar amanhã.

(Silêncio)

Tá bom. Até amanhã então. Também te amo.

(sai para o banheiro-camarim)

Maria 1— *(Maria sai chorando do banheiro com um teste de gravidez nas mãos, ela se senta com dúvida e medo no olhar.)*

As vezes eu ainda sinto meu corpo... sujo. Eu não sei bem o que me incomoda, mas é como se a minha pele estivesse o tempo todo engordurada, e não importa quantos banhos eu tome. Não sai. Eu queria lembrar, exatamente como eu cheguei aqui. Nessa situação.

Quando eu forço muito a minha mente, é como se flashes viessem a minha cabeça. Musica, risadas, eu lembro de me divertir, mas eu também lembro do escuro, do frio que eu senti, da angustia que eu carreguei, mas porque? Porque eu senti isso? Porque eu não entendo? Se eu permiti, eu me permitiria, eu permiti. Mas o que eu permiti?

Porque eu não consigo me lembrar do que eu quis, se eu o tanto quis? (põe a mão na barriga)

Afinal, ele disse que eu quis. E ele é meu melhor amigo. Ele jamais mentiria pra mim.

(Blackout)

Maria 2— *(apenas a voz no blackout)*

Porque você mentiu pra mim Jorge?

(...)

Pra que?

(...)

Não nega. Se você queria outra pessoa, era só me falar... Olha aqui as fotos.

(...)

Sai Jorge, você ta nervoso. Quem devia ta nervosa sou eu.

(...)

Como assim não gritar com vc? Se afasta Jorge... EU não sou louca, eu to vendo as fotos, eu não vou aceitar mais isso. Você é Gay Jorge, porque só não me falou isso antes?

(...)

Não fala assim... eu não quero morrer. Eu só quero entender.

Como assim você não é gay? Então você é bissexual? Jorge só me explica. Não me manda ficar quieta!

PARA JORGE! POR FAVOR! ME SOLTA! Eu prometo que eu não conto pra ninguém, só me solta, por favor Jorge. Eu fico quieta, eu prometo.

PARA. AAAA.

(gritos, sons de tapas e coisas quebrando)

Maria 1 - *(Acende a luz Maria 1, Ela pega a mala e sua bolsa, coloca a bolsa. Começa a arrumar as malas com certa tristeza no olhar)*

Eu tinha achado esse lugar pequeno no começo. Mas depois desses anos, eu já tinha me acostumado com o tamanho. Parece que tudo foi tão repentino..

(guarda mais algumas coisas)

Engraçado, que eu sempre disse que não queria um marido, e agora, veja só... Mas também *(põe a mão na barriga)* Algumas coisas mudam a forma como a gente olha a vida, e eu não gostaria de ser responsável pela lacuna na vida de alguém. Jorge quer tanto assumir esse filho.

E eu quero ter, sempre sonhei em ser mãe apesar de nunca querer um marido. Eu só não imaginei que seria de forma tão repentina. Mas acho que a vida não segue bem as coisas que a gente planeja. E o Jorge é tão maravilhoso! Ele me ouve, a gente sai pra passear, se diverte, ele sempre me elogia e eu me sinto bem em conversar com ele. Na verdade, a gente estava passando muito tempo junto antes dessa gravidez, eu já tinha até me acostumado com a presença dele, conversamos todos os dias, trabalhamos juntos, ele me dava carona todos os dias pra faculdade... Acho que eu me apaixonei, não é bem como eu pensei. Mas quem sabe as coisas não ficam mais fáceis em dupla... Agora, pelo menos, meus pais estão tão orgulhosos de mim!

(sai com a mala finalizada para a cozinha, troca a luz para Maria 2, com meia luz)

Maria 2- *(com a mala na mão se esgueira pelo cenário, cenário meia luz)*

(cochicha para trás) Crianças, me esperem aqui que eu só vou na cozinha pegar uma coisa. E lembrem, nem um pio, o pai de vocês não pode acordar. É nossa aventura secreta, lembram?

(entra na cozinha, abre o armário, retira muitas coisas de dentro e pega uma pequena caixa, onde ela escondia o troco dos supermercados)

Eu sabia que seria útil juntar esse dinheiro, eu só nunca imaginei que ele poderia salvar a minha vida. Depois que eu mudar a documentação eu nunca mais vou ver esse monstro.

(escuta um som e sai apressada)

Maria Repórter - *(Acende a luz, a TV é ligada e uma reportagem começa)*

Hoje estamos aqui no Hotel Maddison, no centro da cidade, onde foi encontrado o corpo de Maria Joana Liamba, conhecida também por Maria Júlia Ribeiro, a empresária de 36 anos foi vítima de feminicídio pelo ex-marido Jorge Justo Oliveira . Maria estava a 9 anos fugindo de seu ex-marido e havia, inclusive, trocado de nome. Ela morava com os dois filhos.

A vítima foi encontrada parcialmente carbonizada e haviam diversos ferimentos pelo seu corpo. A polícia acredita que a mulher foi encontrada por seu antigo parceiro após uma passagem pela polícia ser registrada em seu nome. Ainda não se sabe mais informações sobre o vazamento de informações do sistema da polícia ... *(o som vai gradualmente abaixando assim como a imagem esmaecendo, a luz apaga em fade-out junto a imagem)*

(Entra “Maria(Morta) do Pós vida” – narradora personagem pelo fundo do palco, o texto começa com a atriz sentada ao fundo do público)

Maria Morta - Dizem que quando nós deixamos nossos corpos, nos últimos minutos, nossa vida passa diante dos nossos olhos.

Olhando agora, algumas coisas pareciam diferentes na época, e o roteiro até um pouco clichê... Eu tentei ser muitas. Na verdade tudo pareceu fugir do meu controle. Mas sabe o que sempre me acalmou?

Olhar as estrelas. *(liga o projetor de estrelas)* Engraçado... Isso não foi contado. Na verdade, muitas coisas não foram contadas aqui, e nunca serão. Assim como muitas mulheres nunca terão suas histórias ou suas versões contadas a ninguém.

Mas eu tenho uma teoria! Eu adoro teorias. As mulheres são como estrelas. São todos os dias ofuscadas pela mesma razão. Interesses.

Vocês sabem vai... Nós não vemos estrelas nas cidades por causa do excesso de iluminação urbana. Poluição luminosa. Muitos dizem. Mas na verdade, é tudo um projeto. Que nos afasta de nós. Um projeto que define status, poder, dinheiro e posse acima da nossa humanidade e do nosso planeta.

Todo dia uma Maria diferente é ofuscada por alguma construção social que foi imposta a ela, criada para aprisionar, controlar, padronizar e rivalizar mulheres.

Todo dia tem alguma Maria lutando pra manter a sua luz acesa, e agora essas Marias vão descansar depois de uma metamorfose de lutas, cientes de que pelo menos deixaram um rastro de luz no céu. Mesmo se elas morrerem e a humanidade continuar sua saga, talvez daqui a milênios, sua luz chegue a alguém que se atreveu a olhar para o céu. Talvez eu só possa dizer que é um espetáculo de resistência!

(fade out)

Respire!